

4

A força dos laços fracos: a Teoria das Redes de Mark Granovetter

Um olhar detalhado na dinâmica interna das redes sociais é o modelo proposto por Mark Granovetter em 1973, com o objetivo de compreender como é a difusão de informações nessas estruturas. O foco está em entender como a força dos laços existentes entre os vários participantes interfere no estabelecimento de contatos e na divulgação de mensagens entre os participantes.

Em uma rede social, o elemento de ligação entre seus membros é o chamado “laço social”. Em linhas gerais, é o motivo pelo qual uma pessoa estabelece contato com outra – laços de trabalho, afetivos, de proximidade, e assim por diante.

No entanto, enquanto outros pesquisadores se dedicam a estudar a natureza e as condições de formação de laços, Granovetter dedicou-se a estudar o que chamou de “força” dos laços formados nas redes sociais. O princípio é relativamente simples.

Se uma pessoa fizer uma lista com todos, absolutamente todos os indivíduos que ela conhece, independentemente de onde, quando ou como conheceu, terá uma espécie de mapa de seus relacionamentos. Intuitivamente será possível notar que uma boa parte da lista são apenas “conhecidos”, enquanto outros poderiam ser classificados como “amigos” e, uns poucos, como “melhores amigos”. A diferença que permite essa classificação é a *força* de um laço social.

É possível medir a força de um laço a partir de três principais fatores:

- (a) A quantidade de tempo que se despense com essa pessoa.
- (b) A intensidade emocional do vínculo.
- (c) A intimidade, confiança mútua e reciprocidade.

Quanto maiores esses fatores, mais forte é o laço existente.

Essas três características não são isoladas, e não devem ser tratadas como um princípio rígido – é plenamente possível gastar, por razões específicas, uma quantidade muito grande de tempo com pessoas com quem se tem um vínculo emocional fraco e pouca intimidade, por exemplo.

Esses elementos, no entanto, permitem identificar a força de uma relação. Namorados em início de relacionamento, por exemplo, tendem a despende a maior quantidade possível de tempo juntos, em um vínculo de alta intensidade emocional e confiança recíproca. Por outro lado, quando alguém está insatisfeito em seu emprego tende a reduzir o tempo no trabalho ao mínimo esperado, eliminar as ligações afetivas com o emprego e eventualmente se distanciar progressivamente de colegas e amigos.

A partir disso, Granovetter divide os laços entre contatos em três categorias: fortes, fracos e ausentes. Embora, em geral, a tendência na vida cotidiana seja dar mais importância aos laços fortes, o autor propõe, em seu modelo, que os laços fracos podem ter uma importância maior na dinâmica de funcionamento das redes por conta de seu tamanho – quantitativamente, o número de “conhecidos” é maior do que o de “amigos” e “familiares”, aumentando a amplitude de divulgação de dados existentes nesse tipo de contato. Daí a perspectiva de seu modelo.

A força dos laços fracos está ligada à *distância* existente entre pontos de uma rede. Eles permitem estabelecer contato com pessoas fora do círculo mais próximo de amigos e parentes – os laços fortes – e, portanto, criar ligações com indivíduos socialmente distantes. Os laços fracos ganham força na medida em que podem se tornar *pontes* entre pessoas socialmente distantes.

Sem entrar em uma discussão mais profunda, vale lembrar que a distância social pode ser entendida como a diferença simbólica existente entre pessoas de, digamos, universos sociais diferentes. O diretor de uma empresa e um jogador de futebol podem ser vizinhos de parede, mas a distância social entre eles pode ser imensa.

Laços fracos podem aumentar o círculo de relacionamentos. Justamente por não serem ligações diretas, a chance de se espalharem em várias direções e, portanto, de criarem caminhos para a conexão entre as pessoas, é maior.

Os laços fortes tendem a ser igualmente os mais próximos. Eles compartilham boa parte das ações, gostos e práticas de uma pessoa. Quanto mais forte for o laço entre duas pessoas, explica Granovetter, maior a chance de que o círculo de amigos comum seja grande.

Em um casal, por exemplo, é muito difícil que uma das pessoas tenha um amigo íntimo desconhecido de seu companheiro. Os amigos próximos de uma das pessoas tendem a se tornar amigos do casal. Com isso, a distância social entre os pontos da rede tende a diminuir – e a chance de conhecer pessoas de fora desse círculo, algo fundamental para a circulação de dados em uma rede, diminui também.

Laços fracos e graus de separação

No universo das redes, a noção de “distância” geralmente se refere ao número de contatos que uma pessoa precisa para atingir uma outra, isto é, aos contatos intermediados. Cada intermediário é considerado um grau de separação. Se, por exemplo, meu carro quebra e não conheço nenhum mecânico, preciso ligar para algum amigo e pedir uma recomendação. Estou separado do mecânico, portanto, por um grau.

Para atingir pessoas *além* dos contatos primários, isto é, para desenvolver contatos novos, laços fracos são essenciais. Como dito, o número de vínculos fracos (“conhecidos”) é substancialmente maior do que os fortes (“amigos”). No entanto, a partir desses laços menos diretos é possível encontrar pessoas mais distantes e, com isso, cobrir uma área maior de relacionamentos.

No *site* de relacionamentos *Orkut*, sucesso na primeira metade dos anos de 2000, uma comunidade chamada “Jornalista só sai com jornalista” indicava, conforme o título, que boa parte dos laços fortes de jornalistas era com colegas – todo mundo conhecia todo mundo ou, na pior das hipóteses, estariam separados por um grau.

Isso pode tornar o universo autorreferente, isto é, a maior parte das pessoas do grupo se conhece entre si, mas há poucos relacionamentos extragrupo, necessários para a expansão da rede de contatos sociais.

No *Facebook*, por sua vez, há uma divisão entre “amigos” e “conhecidos”. Como ilustração da perspectiva de Granovetter, vale lembrar quantas informações chegam a partir de laços fracos, os “conhecidos”. A dependência exclusiva dos laços fortes diminuiria muito a quantidade de dados aos quais se tem acesso.

Ao mesmo tempo, quando uma pessoa faz uma solicitação de contato com outra, um dos elementos informados pelo *site* são os “amigos em comum” – em vários casos, eles são laços fracos, as pontes com outros espaços da rede.

Laços fracos, informações e virais

Os laços fracos tendem a ser estabelecidos entre indivíduos que frequentam diferentes círculos, explica o autor, oferecendo a oportunidade de se obterem informações diferentes daquelas que se tem nos grupos de amigos. “Quando alguém muda de emprego”, explica, “não está apenas mudando de rede, mas criando uma ligação entre as duas redes”.

Em uma rede, a velocidade de propagação de uma informação tende a ser maior entre os laços fracos. Exatamente por não estarem diretamente envolvidos no processo, sua percepção de novidades é maior e, portanto, a chance de lidarem com uma informação nova e a colocarem em circulação é maior.

Adaptando um exemplo do próprio Granovetter, uma fofoca, contada em um grupo de amigos próximos, laços fortes, tende a se tornar redundante em pouco tempo – todos ficarão sabendo – e a informação pode perder importância. Por sua vez, à medida que essa fofoca se espalha via laços fracos, o fato será sempre uma novidade e, portanto, tende a continuar sendo propagada.

Isso permite pensar, por exemplo, nos memes e/ou virais que se propagam na internet. A rigor, são imagens, textos ou vídeos divulgados via internet que são reproduzidos constantemente por outras pessoas em *sites*, redes sociais, *e-mails* e qualquer outro modo de divulgação *online*. Na linha de Granovetter, a existência de laços fracos garante que essas mensagens continuem sendo reproduzidas. Se elas fossem restritas somente aos amigos de quem as criou, isto é, apenas aos seus laços fortes, a divulgação seria consideravelmente menor.

Aparentemente contraintuitiva, na medida em que geralmente lembramos dos laços fortes, a perspectiva de Granovetter permite compreender alguns aspectos fundamentais não só da arquitetura das redes sociais, mas do modo como as informações se propagam nas redes sociais digitais, nas quais a distância, como noção em si, é moldada em outras dimensões.